

Prefácio

A publicação deste suplemento da *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* preenche os requisitos necessários para ser considerada pioneira. Pode-se dizer, sem risco de exagero, que ela registra a passagem para a maioria da arqueologia sul-americana. Não são poucas, nem sem importância, as razões que autorizam essa asserção. Valho-me do privilégio que me foi concedido de abrir este volume para apresentá-las ao leitor.

Em primeiro lugar, esta edição sintetiza as contribuições da primeira Reunião Internacional de Teoria Arqueológica realizada na América do Sul em 1998. Congregando em Vitória (Espírito Santo), pesquisadores predominantemente brasileiros e argentinos, mas também mexicanos, ingleses e americanos, esse encontro coloca no mapa do debate internacional a contribuição dos arqueólogos do continente. Este feito resultou de um longo e, muitas vezes controverso, processo institucional que deslocou o eixo hegemônico da disciplina de modo a incluir pesquisadores das nações periféricas. Mas além dos ventos favoráveis no plano mundial, a realização desta reunião dependeu, como bem observam os autores que introduzem este volume, de um esforço conjunto de pesquisadores de vários países que, ao longo de dois anos, reuniram-se várias vezes para definir o perfil institucional, científico e político desse encontro pioneiro.

Em segundo lugar, parece-me auspicioso que tenha sido a 21ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia o fórum que abrigou a primeira reunião dos arqueólogos sul-americanos. Pode-se esperar dessa aliança uma cumplicidade e colaboração disciplinar que muito beneficiará estes dois campos de investigação. Devemos lembrar que, embora irmã mais velha, a etnologia sul-americana conquistou sua maioria muito recentemente. As sociedades indígenas sul-americanas permaneceram sistematicamente à margem do movimento de reflexão sobre as formas não européias de vida social; deste modo, o americanismo pouco contribuiu para a constituição teórica da disciplina antropológica. Nestes últimos trinta anos, no entanto, sob a influência seminal dos trabalhos de Lévi-Strauss, começaram a aparecer, de maneira mais sistemática, numerosos estudos monográficos de qualidade sobre as sociedades indígenas sul-americanas. Hoje, apesar das lacunas ainda existentes em nosso mapa etnográfico, várias áreas já estão maduras, à espera de uma síntese comparativa global que autorize uma generalização teórica capaz de marcar os destinos da disciplina. Em comparação ao desenvolvimento recente da etnologia, pode-se dizer que a pesquisa arqueológica sul-americana é menos experiente; assim, embora ainda não esteja pronta para esse salto de qualidade que somente o acúmulo qualitativo de informações, advindas do paciente e sistemático trabalho monográfico, pode favorecer, a realização deste encontro representa um primeiro esforço prospectivo das questões que estão à espera de uma investigação mais apurada.

Com efeito, este volume apresenta um interessante painel do debate contemporâneo que organiza o campo arqueológico. A questão do método e a natureza da interpretação, processual e/ou pós-processual, ainda divide os especialistas. A relação da arqueologia com os dados históricos, lingüísticos e etnográficos, propõe problemas cuja complexidade ainda não pôde ser equacionada pelos modelos interpretativos existentes. A transformação dos artefatos arqueológicos em patrimônio museológico, envolve dilemas políticos e ideológicos que extrapolam a reflexão estritamente científica.

Muitos problemas, poucas soluções. Esse padrão denota a vitalidade mesma desta jovem disciplina. Visto sob essa luz, pode-se lançar um olhar mais otimista sobre balanço que abre este volume. A Primeira Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul pode vir a ser o ponto de inflexão de uma trajetória que aponta para a superação do provincianismo, fossilização metodológica e desatualização teórica que parecem ter marcado o caminho trilhado até aqui. Em vista do que está sendo apresentado neste volume, tenho certamente a honra de testemunhar um momento único no amadurecimento da história da arqueologia sul-americana, e me alegro que o MAE, com a publicação deste suplemento, possa contribuir para sedimentar a memória desta nova etapa.

Paula Montero
Diretora
Museu de Arqueologia e Etnologia-USP